

A instabilidade categorial dos constituintes morfológicos: evidência a favor do *continuum* composição-derivação*

The categorial instability of the morphological constituents: evidence in favor of the composition-derivation continuum

Carlos Alexandre GONÇALVES
(Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq)

Katia Emmerick ANDRADE
(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ)

RESUMO

Neste artigo, discutimos o estatuto dos seguintes elementos morfológicos frequentemente usados na formação de novas palavras no português brasileiro: afixoides (bio-combustível, eco-sustentabilidade), splinters (choco-tone; sogra-drasta) e xenoconstituintes (cyber-café; e-professor). Ao longo do texto, observamos em que medida esses constituintes se comportam como radicais e em que aspectos equivalem a afixos. Pretendemos, com isso, justificar a proposta de continuum defendida por Baker (2000) e Ralli (2007), ao mesmo tempo em que demonstramos que outras unidades morfológicas, além de radicais e afixos, devem fazer parte dessa escala.

Palavras-chave: *morfologia; composição; derivação; formação de palavras; continuum.*

*. Este texto é uma versão revista e ampliada do artigo, publicado em espanhol, “El status de los Componentes Morfológicos y el continuum Composición-Derivación en Portugués, na *Lingüística*, vol. 28, dezembro de 2012, p. 119-145 (Madrid).

ABSTRACT

In this paper, we discuss the status of the following morphological elements, often used in new word formations in Brazilian Portuguese: affixoids (bio-combustível, eco-sustentabilidade), splinters (choco-tone; sogra-drasta) and borrowed constituents (cyber-café; e-professor). In our description, we observe the extent to which these constituents behave as radicals and in what ways are equivalent to affixes. We intend, thereby, ratify the continuum proposed by Baker (2000) and Ralli (2007), at same time We show that other morphological units, as well as radicals and affixes, should be part of this scale.

Key-words: *morphology; compounding; derivation; word formation; continuum.*

Palavras iniciais

O tipo de constituinte envolvido na formação de palavras é tacitamente apontado como a principal diferença entre composição e derivação (KATAMBA, 1990, SPENCER, 1991), já que o primeiro processo opera com base em radicais/palavras e o último faz uso de afixos. A categorização das unidades morfológicas, no entanto, é tema de grande debate na literatura recente, como demonstrado, por exemplo, em Baker (2000), Ralli (2007) e Kastovsky (2009). Se, por um lado, o estatuto de um formativo determina o tipo de operação morfológica, por outro, nem sempre é fácil decidir se uma unidade constitui afixo ou radical¹, o que levanta a questão de saber se há limites precisos entre as categorias morfológicas e, em decorrência, entre os dois principais processos de formação de palavras: a composição e a derivação.

Neste artigo, procuramos mostrar, seguindo Baker (2000) e Ralli (2007), que as unidades envolvidas na formação de palavras podem

1. O termo radical está sendo utilizado, neste texto, como sinônimo de raiz: “forma que sobra quando todos os elementos morfológicos – marcadores de palavras, flexões e derivações – são isolados de uma palavra” (KASTOVSKY, 2009: 9). Tal constituinte pode ou não necessitar de material morfológico para se realizar como palavra. Embora se possa diferenciar raiz de radical, consideramos os termos sinônimos e optamos pelo último por considerar que o primeiro está comprometido com informações de natureza etimológica.

ser dispostas num *continuum* morfológico determinado tanto por propriedades estruturais quanto semânticas. Para esses autores, afixos e radicais livres ocupam os dois extremos da escala, enquanto radicais, sobretudo os chamados neoclássicos², localizam-se em posições mais ao centro. Uma abordagem dessa natureza representa as semelhanças compartilhadas por diferentes constituintes, como, por exemplo, a propriedade fixidez (*boundedness*), característica tanto de afixos quanto de radicais neoclássicos.

Com base em formações mais recentes do português (sobretudo em sua variante brasileira), pretendemos demonstrar que vários tipos de elementos morfológicos, além de radicais presos, podem ser dispostos no *continuum* afixo-radical, pois igualmente dão mostras da dificuldade de categorizar como compostas ou derivadas as construções morfológicas de que participam. Tal é o caso dos seguintes constituintes abaixo exemplificados:

- (01) radicais neoclássicos: *gastro-*, *hidro-*, *hétero-*, *-rexia*, *-cida*;
 afixoides: *petro-*, *bio-*, *eco-*, *tecno-*, *tele-*, *homo-*;
 reduções resultantes de processos de cruzamento: *-nejo*, *-nese*, *-drasta*, *-trocínio*, *caipi-*;
 reduções resultantes de processos de encurtamento: *choco-*, *info-*, *euro-*; e
 formativos emprestados do inglês: *cyber-*, *-gate*, *pit-*, *e-*, *-burguer*.
 sufixos não aderentes: *-mente*; *-zinho*;
 prefixos posicionais: *pré-*, *pós-*, *vice-*, *ex-*, *sub-*.

Objetivamos discutir preliminarmente o estatuto morfológico dos elementos em (01), observando em que medida se comportam como radicais e em que aspectos equivalem a afixos, justificando, assim, a proposta de *continuum* defendida por Baker (2000) e Kastovsky (2009). Em primeiro lugar, listamos as principais diferenças entre afixos e radicais para, em seguida, refletir sobre o estatuto de formativos como *homo-* ('homo-afetivo'), *-drasta* ('sogra-drasta'), *cyber-* ('cyber-café') e *-zinho* ('cidade-zinha')³. Em seguida, com base no mapeamento, na

2. Compreendemos radicais neoclássicos como elementos morfológicos de origem grega ou latina tardiamente incorporados a várias línguas, em função da nomenclatura técnico-científica e filosófico-literária, sobretudo a partir do século XIX.

3. Utilizamos o hífen apenas para sinalizar uma fronteira de constituintes morfológicos. Por isso mesmo, a hifenização nem sempre corresponde à preconizada pelo novo acordo ortográfico, encontrada tanto em dicionários atuais quanto no VOLP – levantamento das

descrição e na análise de constituintes morfológicos difíceis de classificar, apresentamos recentes enfoques sobre o binômio composição-derivação e concluímos que uma categorização baseada em protótipos é mais condizente com a heterogeneidade tipológica do sistema de formação de palavras do português.

Desse modo, em vez de considerar os tipos morfológicos como estruturas estáveis e claramente definidas, os concebemos, na esteira de Lakoff (1987), como entidades de atributos (ou propriedades) graduáveis e com limites difusos (*fuzzy categories*). A relevância dos atributos, para o estabelecimento das categorias, aponta para o fato de os membros de uma classe se organizarem em torno de um representante modelar (o protótipo), dentro do qual as entidades são ordenadas, incluídas ou excluídas (Taylor, 1989), o que corresponde ao chamado efeito de prototipicidade.

1. Das diferenças entre radical e afixo

O estabelecimento de critérios empíricos pode ser útil na tentativa de se reconhecerem as principais características de afixos e radicais mais prototípicos. No entanto, a operacionalização desses parâmetros tende a ser difícil na prática, uma vez que os agrupamentos podem ser contraditórios, o que acaba (1) relativizando a categorização do formativo e, conseqüentemente, (2) colocando em xeque (a) a eficácia do critério e (b) a existência de fronteiras rígidas entre composição e derivação. A seguir, apresentamos os principais atributos dessas duas unidades de análise morfológica:

palavras “com indicação da sua grafia, prosódia, ortoépia, classe gramatical e outras informações úteis, tais como formas irregulares do feminino de substantivos e adjetivos, plurais de nomes compostos, etc.”. (*Academia Brasileira de Letras* – <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario?sid=19>. Acesso em 17/03/2016).

Quadro 1 – Principais diferenças entre composição e derivação

		Composição	Derivação	
Unidades	A	Palavras ou Radicais	Afixos	
	B	Formas livres ou presas que correspondem a palavras	Formas presas que não correspondem a palavras de conteúdo	
	C	Unidades com posição não necessariamente fixa na estrutura da palavra	Unidades definidas por uma posição pré-determinada numa palavra complexa (à esquerda ou à direita)	
	D	As unidades combinam com uma grande variedade de tipos morfológicos	Sufixos combinam predominantemente com radicais; prefixos combinam exclusivamente com palavras	
Propriedades estruturais	E	A cabeça lexical fica à esquerda, predominantemente	Cabeça lexical sempre à direita	
	F	Possibilidade de coordenação entre os constituintes	Não há possibilidade de coordenação	
	G	Por expressar ideias mais específicas, há um grande contingente de unidades linguísticas	Por expressar ideias mais gerais, há um número relativamente pequeno de unidades linguísticas	
	H	Caracterizam um inventário aberto	Caracterizam um inventário fechado	
	I	Possibilidade de flexão entre os constituintes	A flexão é sempre periférica	
	J	Unidades com acento próprio	Partículas que recebem acento apenas na combinação com a base	
	Propriedades fonológicas	L	Ausência de isomorfismo entre palavra morfológica e palavra fonológica	Isomorfismo entre palavra morfológica e palavra fonológica
M		Manutenção de propriedades segmentais e prosódicas das bases	Mudança na base pela aplicação de regras fonológicas cujo domínio é a palavra fonológica	
N		As unidades expressam um significado lexical	As unidades atualizam conteúdos semânticos mais gerais, capazes de combinação com um número maior de formas linguísticas	
Propriedades Semânticas		O	Interpretação frequentemente holística	Interpretação quase sempre composicional
		P	Pode ser endocêntrica ou exocêntrica	Massivamente endocêntrica
		Q	Menos estável porque o significado dos elementos geralmente muda por extensões metafóricas ou metonímicas	Mais estável, apresentando funções sintáticas e semânticas predeterminadas, definindo os possíveis uses e significados das palavras derivadas
Produtividade e produção	R	Constrói conjuntos mais fechados de palavras (<i>ad hoc</i>)	Constrói conjuntos mais completos de palavras (mais regular)	
	S	Apresenta muitas formas manufaturadas*	Cria séries de palavras mais naturalmente	

*. Referimo-nos a palavras manufaturadas não somente às que são criadas propositalmente levando-se em conta apenas a estrutura fonêmica, em geral, para designar estabelecimentos e produtos comerciais, mas também a palavras cuja formação tem alguma motivação expressiva.

À exceção do critério (C) – segundo o qual afixos são regidos por fortes restrições posicionais, aparecendo numa posição pré-determinada na estrutura das palavras, vindo daí a distinção entre os vários tipos de afixos encontrados nas línguas do mundo: prefixo, sufixo, infixo, circunfixo, suprafixo, interfixo, confixo etc.⁴ –, todos os demais podem ser questionados, o que nos leva a concluir que as propriedades acima mapeadas realmente se aplicam aos representantes mais centrais dessa classe de elementos morfológicos.

Por exemplo, o parâmetro (L) faz referência à relação entre categorias morfológicas e prosódicas, pois pressupõe isomorfismo entre palavra morfológica (MWd) e palavra prosódica (PrWd), previsão compatível com a maior parte das derivações do português. De fato, como prevê o critério (J), afixos são elementos que, em geral, não projetam, sozinhos, vocábulos fonológicos próprios, realizando-se, com a forma a que se agregam, sob um único acento, como se observa nas representações a seguir, nas quais colchetes sinalizam PrWds e chaves, MWds:

(02) MWd \approx PrWd

$$\begin{array}{ll} \{[\text{des}_{\text{Af}} \text{leal}_{\text{Rad}}]_{\text{PrWd}}\}_{\text{MWd}} & \{[\text{leal}_{\text{Rad}} \text{dade}_{\text{Af}}]_{\text{PrWd}}\}_{\text{MWd}} \\ \{[\text{in}_{\text{Af}} \text{apt}_{\text{Rad}} \text{o}]_{\text{PrWd}}\}_{\text{MWd}} & \{[\text{apt}_{\text{Rad}} \text{idão}_{\text{Af}}]_{\text{PrWd}}\}_{\text{MWd}} \end{array}$$

Os critérios (J) e (L), no entanto, falham na análise de prefixos como *vice-* e *pós-*, sem dúvida alguma realizados numa palavra prosódica independente. Evidência disso é o fato de serem massivamente dissílabos (03a) ou, em menor proporção, monossílabos tônicos (03b), a maioria com vogal aberta, um dos indicadores de acento e, conseqüentemente, de palavra prosódica (VIGÁRIO, 2000):

$$\begin{array}{ll} (03) \text{ a. } \{[\text{vice}_{\text{Af}}]_{\text{PrWd}} [\text{prefeit}_{\text{Rad}} \text{o}]_{\text{PrWd}}\}_{\text{MWd}} & \{[\text{anti}_{\text{Af}}]_{\text{PrWd}} [\text{rug}_{\text{Rad}} \text{as}]_{\text{PrWd}}\}_{\text{MWd}} \\ \text{ b. } \{[\text{pós}_{\text{Af}}]_{\text{PrWd}} [\text{pág}_{\text{Rad}} \text{o}]_{\text{PrWd}}\}_{\text{MWd}} & \{[\text{pré}_{\text{Af}}]_{\text{PrWd}} [\text{test}_{\text{Rad}} \text{e}]_{\text{PrWd}}\}_{\text{MWd}} \end{array}$$

4. Os termos são autoexplicativos, definindo-se pela própria constituição morfológica da palavra. Desse modo, o elemento recorrente, *fixo*, corresponde ao radical, núcleo básico de significação da palavra, e o tipo de afixo é determinado pelo formativo que figura à esquerda. Assim, *prefixo* é a forma que aparece antes da base e *sufixo*, o elemento adjungido após esse constituinte. Um *infixo*, por sua vez, aparece no interior da base, tornando-a descontínua. O *circunfixo*, ao contrário, é um elemento descontínuo e, por isso mesmo, aparece em diferentes lugares da cadeia sintagmática. *Suprafixo* é um afixo de natureza suprasegmental e *interfixo*, um elemento relacional que aparece entre radicais. Por fim, *confixo* designa um formativo caracterizado por oscilação posicional.

Sufixos chamados por Booij (2002) de não aderentes (do inglês *no cohering*), como *-mente* e *-zinho*, também projetam palavras prosódicas próprias, impedindo, por exemplo, que a regra de neutralização das pretônicas se aplique, o que não condiz com a afirmação feita em (M), segundo a qual é a composição o processo de formação de palavras que resguarda as propriedades segmentais e prosódicas da base. Afixos aderentes (do inglês *cohering*), como *-eiro*, por exemplo, são integralmente incorporados à palavra prosódica resultante de sua adjunção a uma base, ajustando-se à regra de neutralização – ‘p[ɔ]orta’ – ‘p[o]rtaria’, ‘p[o]rteiro’, ‘p[o]rtão’; afixos não-aderentes, por sua vez, não promovem mudanças fonológicas na palavra-base, que se mantém idêntica em sua constituição segmental, como se vê na representação em (04), a seguir.

(04) {[bɛI _{Rad} a] _{PrWd} [mente _{Af}] _{PrWd} } _{MWd}	(b[e]lamente)
{[nɔv _{Rad} a] _{PrWd} [mente _{Af}] _{PrWd} } _{MWd}	(*n[o]vamente)
{[cɛu _{Rad}] _{PrWd} [zinho _{Af}] _{PrWd} } _{MWd}	(*c[e]uzinho)
{[dɔlar _{Rad}] _{PrWd} [zinho _{Af}] _{PrWd} } _{MWd}	(*d[o]larzinho)

Também não é inteiramente verdadeira a alegação, feita em (G), de que afixos atualizam conteúdos mais gerais e, por isso mesmo, necessariamente criam séries de palavras, como prevê o parâmetro (R). Como mostra Bybee (1985), o significado do elemento morfológico determina em que medida será ou não aplicável em larga escala: quanto mais geral a semântica do formativo, mais aplicável o esquema de formação que instancia.

Basilio (1987: 29) ressalta que há, em português, há afixos com diferentes graus de generalidade e “*o teor de produtividade está provavelmente ligado a esse grau de generalidade*”. A título de exemplificação, comparemos dois sufixos: *-ite* e *-mente*. O primeiro, por expressar inflamação (‘labirintite’, ‘laringite’, ‘otite’) ou algum tipo de anomalia comportamental (‘paixonite’, ‘preguicite’, ‘frescurite’), sem dúvida alguma é menos geral que o segundo, que forma advérbios a partir de adjetivos (‘sabidamente’, ‘lealmente’, ‘lentamente’). O conteúdo de *-mente* é de grande generalidade e, por esse motivo, praticamente não há restrições a sua aplicabilidade (GONÇALVES, 2005). Como os sufixos *-ite* e *-mente* diferem em generalidade, podemos afirmar, utilizando as palavras de Basilio (1987: 29), que “*a diferença no teor de produtividade não é acidental*”.

Pelos critérios (R) e (S), compostos seriam menos naturalmente construídos, uma vez que a composição cria conjuntos mais fechados de palavras. Não é inteiramente verdadeira tal alegação, pois, como mostra Gonçalves (2012) são numerosas e, de modo algum, criadas *ad hoc* as formações envolvendo a base livre ‘Maria’ na primeira posição, o que evidencia que a composição cria esquemas tão naturais e produtivos quanto a derivação. Nesses exemplos, o antropônimo ‘Maria’ é utilizado em referência a uma mulher interessada e o elemento à direita constitui metonímia do profissional que tal mulher assedia:

Quadro 2 – Relação de compostos Maria-X em português

COMPOSTO	DEFINIÇÃO
Maria Fotômetro	Apaixonada por fotógrafos e mais ainda pelos cliques que eles realizam.
Maria Divã	A mulher conselheira que atua como psicóloga, mas, na verdade, o foco é ter uma brecha para consolar o amigo em seus braços.
Maria Pick-up	Ela gosta mais do DJ que da balada. Frita na frente da cabine esperando um sinal do rei da pista.
Maria Tatame	Com a popularização do MMA, está mais comentada. Ela gosta de lutadores, devido ao porte físico e à sensação de segurança que eles proporcionam.
Maria Palheta	Saber tocar algum instrumento é o requisito principal. Se cantar e compuser, é amor na certa.
Maria Fuzil	Pois é, tem menina que gosta de homens armados, principalmente traficantes, porque na comunidade eles têm fama, dinheiro e garantem proteção.
Maria Batalha	Policiais, bombeiros, investigadores. O negócio dela é o cara que veste farda.
Maria Magistério	Ela é encantada por quem leciona, independente da matéria. Pegar o professor é o foco.
Maria Pandeiro	Obcecada pelos cantores de pagode.
Maria Passaporte	Costuma atacar em grandes eventos turísticos como o carnaval, que atraem muitos gringos procurando diversão e com bastante dinheiro para gastar.
Maria Chuteira	Os jogadores de futebol são o alvo e são um alvo fácil. Estamos cansados de ver inúmeros deles pagando pensão alimentícia por aí.
Maria Celebridade	Alpinista social que se envolve com famosos para alcançar algum destaque na mídia.
Maria Parafina	A que pega surfistas.
Maria Estetoscópio	A tara é pelos caras vestidos de branco, médicos, dentistas...
Maria Panela	Tem sido muito comum ultimamente a procura dos homens pelo curso de gastronomia. Gostar de homens que sabem cozinhar bem, pois muitos deles viram chefes de cozinha e abrem restaurantes, é unir o útil ao agradável.

A instabilidade categorial dos constituintes morfológicos

COMPOSTO	DEFINIÇÃO
Maria Al-Capone	É mulher bem nova, mas que “gosta” de caras mais velhos e milionários.
Maria Gasolina	Um dos perfis mais clássicos do apelido; é conhecida pelo interesse no carro que o homem tem. Estar dentro dele é como ganhar um troféu, estar no pódio. Ela se sente poderosa com o poder dos outros.
Maria vai com as outras	Ela não tem um tipo específico porque gosta daquele carinho do momento. É bastante influenciada pelo gosto e pela opinião das amigas.

Fonte: Extraído do seguinte site acessado em 15/03/2016: http://www.areah.com.br/vibe/apelido/materia/76351/1/pagina_1/18-estereotipos-de-maria.aspx.

De acordo com Faria (2011) e Gonçalves (2016), compostos *bolsa-X* têm produtividade similar à de derivados no português brasileiro contemporâneo, pois são inúmeras as formas assim constituídas, como confirmam os exemplos no Quadro 3, a maioria extraída de Faria (2011: 186-189) com adaptações:

Quadro 3 – Relação de alguns compostos *bolsa-X* em português

COMPOSTO	DEFINIÇÃO
Bolsa-adolescente (2010)	Ajuda para que jovens conclua o ensino profissionalizante.
Bolsa-alimentação (2001)	Programa para combater a mortalidade infantil em famílias de baixa renda e histórico de desnutrição.
Bolsa-aposentadoria (2003)	Programa estimular a permanência em atividade dos professores do ensino superior das universidades federais.
Bolsa-atleta (2000)	Programa para garantir a manutenção pessoal aos atletas de alto rendimento que não possuem patrocínio.
Bolsa-auxílio (2002)	Programa para estagiários para evitar a evasão por motivos relacionados à baixa renda familiar.
Bolsa-bandido (2010)	Benefício auxílio-reclusão recebido pela família de delinquentes de todo tipo.
Bolsa-blindagem (2008)	Trata-se de crítica ao governo pelas diversas bolsas existentes.
Bolsa-boiola (2008)	Crítica ao Governo Federal pela compra de 15 milhões de lubrificantes KY para distribuir aos gays.
Bolsa-cidadã (2003)	Programa estadual que proporciona ao cidadão capacitação nas áreas de educação, saúde, meio ambiente, cidadania, esporte e cultura.
Bolsa-celular (2009)	Projeto de telefonia móvel, destinado às classes D e E.
Bolsa-copa (2010)	Destinada a policiais civis, militares, bombeiros e guardas municipais que trabalharam nos jogos da Copa 2014.

COMPOSTO	DEFINIÇÃO
Bolsa-desemprego (2008)	Auxílio para quem foi demitido sem justa causa, e estava no emprego há pelo menos 6 meses.
Bolsa-desmatamento (2008)	Auxílio destinado àqueles que zelam pelo não desmatamento amazônico.
Bolsa-ditadura (2002)	Auxílio com o objetivo de reparar danos impostos a cidadãos brasileiros durante o regime militar estabelecido em 1964.
Bolsa-escola (1994; 2001)	Programa de transferência de renda usado como estímulo para que jovens frequentem a escola regularmente.
Bolsa-esporte (2008)	Proporciona o desenvolvimento humano através do esporte, além da descoberta de novos talentos esportivos.
Bolsa-estupro (2010)	A bolsa deve ser paga pelo agressor e caso não o faça o ônus recairá sobre o Estado.
Bolsa-família (2003)	Programa de transferência de renda para integrar e unificar ao Programa <i>Fome Zero</i> .
Bolsa-floresta (2009)	Facilita a Legislação ambiental por parte de empreendedores e proprietários de terras, que recebem para cuidar da mata.
Bolsa-gargalhada (2007)	Crítica ao governo federal. Pelo contexto da criação, deveria ser criada uma bolsa para os artistas que nos fazem rir.
Bolsa-invasão (2009)	Remuneração para aqueles que tiveram suas áreas territoriais invadidas.
Bolsa-miséria (2009)	É o benefício bolsa-família que recebeu o nome bolsa-miséria, em 2009, porque tem fins eleitoreiros.
Bolsa-palestra (2011)	Criação usada em alusão ao enriquecimento rápido de ex-políticos pelas consultorias feitas após saírem do governo.
Bolsa-pesquisa (2009)	Incentiva a institucionalização da pesquisa de pós-graduação <i>stricto sensu</i> nas Instituições de Educação Superior.
Bolsa-sanduiche (2006)	Proporciona aos estudantes de doutorado a oportunidade de desenvolver parte de sua pesquisa em instituição no exterior.
Bolsa-táxi (2009)	Crítica encabeçada pelas redes sociais da internet acerca da instituição, no Rio de Janeiro, da “Lei Seca”.
Bolsa-transporte (2010)	Serviço oferecido com objetivo de ajudar o estudante a pagar o transporte durante sua permanência na universidade.
Bolsa-universidade (2009)	Programa Municipal destinada à concessão de bolsas em instituições de ensino superior da cidade de Manaus.

O critério (F), proposto por Kenesei (2007, p. 10), prevê que afixos não são sensíveis às regras de redução de coordenação, quer para trás, quer para frente, ou seja, na coordenação de palavras derivadas de afixos idênticos e bases diferentes ou vice-versa, nem afixos nem bases podem ser apagados. Como os demais, esse critério também é discutível, uma vez que não se aplica uniformemente a todos os itens classificados como afixos em português. A maioria impossibilita, de fato, a supressão de constituintes em coordenação (conjuntiva ou disjuntiva), como se vê nos exemplos em (05):

- (05) i-moral e/ou i-legal \neq i-moral e/ou legal
 i-moral e/ou a-moral \Rightarrow *in e/ou a-moral
 livr-eiro e/ou livr-aria \Rightarrow *livreiro e/ou aria
 menin-ice e/ou crianc-ice \neq menino e/ou criançice

A impossibilidade de coordenação nos exemplos em (05) se deve ao fato de afixos portarem significados por demais generalizados (parâmetro G), o que os impede de apresentar livre curso na língua (critério B). Entretanto, outros afixos admitem exclusão, sem restrição de direcionalidade, na coordenação binária e/ou n-ária de termos derivados, prefixados ou sufixados, a exemplo dos listados em (06), em que os elementos apagados exercem função sintática e semântica idênticas aos remanescentes, condição necessária à coordenação:

- (06) pré-operatório e/ou pós-operatório \Rightarrow pré e/ou pós-operatório
 pró-presidente e/ou anti-presidente \Rightarrow pró e/ou anti-presidente
 timidamente e/ou sensivelmente \Rightarrow tímida e/ou sensivelmente

Infelizmente, nenhuma das propriedades acima elencadas é exclusiva de afixos ou, pelo menos, caracteriza todo e qualquer formativo considerado como tal. Antes de mostrar em que medida as características apresentadas podem nivelar as duas categorias em análise (radical e afixo), procuremos, em primeiro lugar, uma definição apropriada para radical.

Em linhas gerais, radicais são definidos como os elementos morfológicos que podem, “*por si sós, constituir a base de uma palavra*” (BASILIO, 1987: 11). Frequentemente, radicais se atualizam como palavras a partir do acréscimo das flexões ou dos marcadores de vocábulos (BOOIJ, 2002) e, desse modo, são descritos como a “*palavra despojada de todos os seus elementos flexionais*” (BOOIJ, 2002: 56). Afixos, por seu turno, constituem formas presas, isto é, são partes integrantes de palavras, não funcionando sozinhos como comunicação suficiente, nos termos de Bloomfield (1933), por só se manifestarem quando combinados a outras formas, presas (‘sapat-eiro’) ou livres (‘sal-eiro’).

Pelas definições apresentadas, não há a menor dificuldade de considerar radicais formas como ‘mar’, ‘café’, ‘papel’, ‘encontr-’ e

‘grat-’, apesar de as duas últimas serem diferentes das demais. Obviamente, estamos diante de dois tipos de radicais: os três primeiros são livres, enquanto os dois últimos são presos, necessitando, portanto, de terminação apropriada para funcionar como palavras. Apesar disso, todos os elementos morfológicos em exame são vistos como radicais, pois são constituintes que “*atualizam o significado lexical básico das palavras*” (CRYSTAL, 1988: 212).

Os radicais neoclássicos, chamados de arqueoconstituintes por Corbin & Paul (2000), entretanto, não se ajustam bem às definições apresentadas, pois, além de serem unidades presas, como os afixos, não necessariamente se realizam como palavras mediante o acréscimo de elementos flexionais ou temáticos, como os demais radicais presos, o que justifica o estranhamento das sentenças abaixo:

- (07) As fofoqueiras deveriam tomar conta das suas próprias **bios**.
Os novos **biblios** do Paulo Coelho já venderam um milhão de exemplares.
Minhas **tecas** de selos antigos e de CDs estão quase completas.

De fato, formas como *bio*, *biblio* e *teca*, entre tantas outras, não se enquadram perfeitamente na classe dos radicais – pelo menos a partir das definições apresentadas. Como os afixos, os radicais neoclássicos podem ser caracterizados por severas restrições posicionais, aparecendo numa borda específica da palavra, como prevê o parâmetro (C). Tal é o caso, por exemplo, de *tele-*, sistematicamente encontrado na margem esquerda, e *-cida*, categoricamente vinculado à borda direita:

- | | |
|------------------|--------------|
| (08) tele-novela | inseti-cida |
| tele-pizza | rati-cida |
| tele-sexo | espermi-cida |
| tele-namoro | germi-cida |

Elementos como *tele-* e *-cida* são radicais ou afixos? A resposta a essa instigante questão sem dúvida alguma dependerá da característica que se quer focalizar. Se considerarmos as primeiras – e mais básicas – propriedades dos afixos, apresentadas nos critérios (B) e (C), *tele-* e *-cida* têm de ser considerados, nessa ordem, um prefixo e um sufixo, pois, além de serem presos, ocupam posição fixa na estrutura das palavras. Por outro lado, *tele-* e *-cida* não se comportam da mesma maneira

quanto à formação de domínios prosódicos, já que somente o primeiro projeta uma palavra prosódica própria, como se vê na representação abaixo. Observe-se a realização da média nos dois casos:

(09) {[(tEle)] _{PrWd} [(pizza)] _{PrWd} } _{MWd}	não	{ [(tele)] _{PrWd} [(pizza)] _{PrWd} } _{MWd}
{ [(moto)] _{PrWd} [(táxi)] _{PrWd} } _{MWd}	não	{ [(moto)] _{PrWd} [(táxi)] _{PrWd} } _{MWd}
{ [(germi)] _{PrWd} [(cida)] _{PrWd} } _{MWd}	não	{ [(gErmi)] _{PrWd} [(ci.da)] _{PrWd} } _{MWd}
{ [(formi)] _{PrWd} [(cida)] _{PrWd} } _{MWd}	não	{ [(fõrmi)] _{PrWd} [(ci.da)] _{PrWd} } _{MWd}

Além disso, observando o critério (H), o inventário de radicais neoclássicos não é tão aberto quanto o dos demais radicais, o que, mais uma vez, os aproxima dos afixos. Ressalte-se, ainda, que vários elementos neoclássicos apresentam função sintática e semântica pré-determinadas, como preconiza o critério (Q) para afixos. De acordo com Basilio (1987: 28), “*essas funções delimitam os possíveis usos e significados das palavras a serem formadas pelos diferentes processos de derivação*”, correspondentes aos vários afixos. Assim, continua a autora, “*a própria disponibilidade de um afixo ou do correspondente processo de adição define a função correspondente como sendo uma função comum dentro da estrutura derivacional da língua*” (BASILIO, 1987: 28).

Desse modo, se os usos e os significados das palavras derivadas correspondem às funções dos afixos, não hesitaríamos em considerar *-teca* um sufixo formador de substantivos a partir de substantivos, já que esse formativo cria séries de palavras, sempre contribuindo com o mesmo significado nas formas a que se vincula, “coleção”, em plena harmonia com o que se estabelece em (N). Como se observa nos exemplos em (10), todas as construções *X-teca* são interpretadas composicionalmente, isto é, pela soma dos significados das partes, em conformidade com o que estabelece o critério (O):

(10) marido-teca	foto-teca	brinquedo-teca
video-teca	cede-teca	cinema-teca
xeroco-teca	media-teca	vituo-teca
porno-teca	teatro-teca	disco-teca

Por outro lado, os significados que a maior parte dos radicais neoclássicos atualiza são mais lexicais, como prevê o parâmetro (N) ou,

nas palavras de Préié (2008: 322), “*têm maior densidade semântica*”. Para Ralli (2008: 156), a classe dos radicais (incluindo os neoclássicos) “*porta um significado concreto, em comparação com os afixos propriamente ditos, que têm papel mais funcional (categorial ou relacional) ou possuem significado mais abstrato*”. Se assim consideramos, radicais neoclássicos se posicionam, no *continuum* sugerido por Baker (2000), entre radicais e afixos, como na seguinte representação:

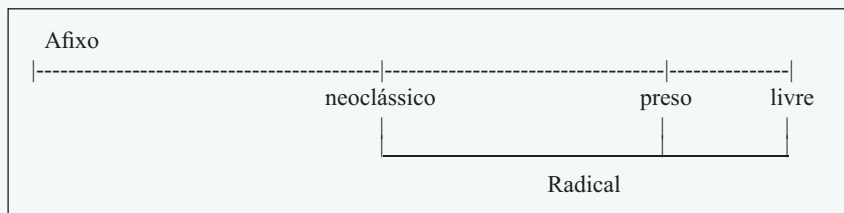


Figura 1 – O continuum *afixo-radical* (BAKER, 2000: 49)

Resta falar da combinabilidade (critério D), da posição da cabeça lexical (critério E) e da composicionalidade (critérios O e P). Em relação ao primeiro parâmetro, postula-se que sufixos combinam-se com radicais, mas essa previsão não é verdadeira para os deverbais, que selecionam o constituinte tema (VILLALVA, 2000), como atestam os exemplos em (11), nos quais o tema está em negrito. Além disso, os sufixos ditos não aderentes, como *-zinho* e *-mente*, selecionam palavras, também em negrito (12). Esses fatos, por si sós, já põem em xeque a eficácia do critério (D):

(11) **inibidor**

atropelamento

varreção

amaciante

perecível

(12) **marzinho** **corregozinho**

maiozinho

velozmente **sobriamente**

alegremente

Nas composições de base livre, a cabeça lexical, núcleo morfológico, sintático e semântico da palavra, figura à esquerda, predominantemente (GONÇALVES, 2011a). Só apresentam cabeça à direita compostos em que o segundo elemento é livre, mas, não por obra do

acaso, é de origem clássica e termina no sufixo *-ia*, como *-terapia*, *-fobia*, *-via* e *-mania*. Nas derivações (prefixal ou sufixal), a cabeça se posiciona à direita, exceto nos afixos de grau, que, nesse aspecto, acabam comportando-se como compostos, uma vez que também apresentam padrão estrutural DM-DT (determinado-determinante):

- (13) carrão => carro caro/luxuoso/grande
 bolsinho => bolso pequeno
 inteligentíssimo => muito inteligente
 lindésima => linda demais

Pelo Quadro 1, entende-se que afixos, recorrentemente, atribuem a mesma ideia a todas as formas a que se vinculam. Com efeito, os itens lexicais resultantes tendem a ser interpretados composicionalmente, isto é, pela soma dos significados das partes que os constituem (critério O), sendo, por isso mesmo, endocêntricos (critério P): por exemplo, ‘dentista’ é um profissional que cuida dos dentes; ‘varreção’, o ato intermitente de varrer e ‘ingrato’, o que não é grato. Nas composições de base livre, como predominam a metáfora e a metonímia (SANDMANN, 1990), a interpretação é quase sempre holística e, por isso mesmo, as construções tendem a ser exocêntricas, pois a interpretação não parte do núcleo (cabeça lexical)⁵:

- (14) criado-mudo => móvel de cabeceira
 bem-casado => doce
 boia-fria => trabalhador rural
 puxa-saco => bajulador
 beija-flor => colibri (pássaro)

Como sinalizado na introdução, pretendemos expandir o *continuum* que formalizamos na Figura 1, uma vez que o português apresenta vários constituintes morfológicos que poderiam ser alocados nessa escala, por compartilhar propriedades de radicais e afixos. Na próxima seção, mapeamos e analisamos cada tipo de formativo referenciado na introdução: afixoide, *splinter* e xenoconstituente.

5. Obviamente, estamos falando dos casos mais gerais. Há vários compostos endocêntricos, como ‘tubarão-martelo’, cuja interpretação parte do núcleo (a palavra nomeia uma espécie de tubarão). No caso da composição, não há um padrão mais geral para a questão da endo/exocentricidade, como na derivação.

2. A natureza difusa dos elementos morfológicos

Ao lado da prefixação, da sufixação e da composição – processos de formação de palavras que têm sido investigados razoavelmente bem e cujo estatuto morfológico dos constituintes é relativamente claro –, o português também apresenta inúmeras formações, como as listadas a seguir, cuja inclusão numa classe ou noutra, pelo tipo de formativo utilizado, nem sempre é tacitamente aceita:

- (15) *orto-rexia*; *hidro-massagem*; *sócio-pata*; *químio-terapia*; *foto-síntese*; *auto-atendimento*;
- (16) *eco-renovação*, *homo-afetivo*, *tele-pizza*, *aero-modelismo*, *auto-peças*, *agro-negócio*, *petro-química*;
- (17) *sogra-drasta*, *mãe-trocínio*, *whisky-lé*, *fran-búrguer*, *caipi-fruta*, *sorve-tone*, *ovo-nese*, *sexta-neja*;
- (18) *info-excluídos*, *euro-copa*, *choco-mania*;
- (19) *cyber-avó*, *wiki-pedia*; *pt-leaks*, *pit-bicha*; *bobs-burguer*, *lula-gate*;
- (20) *e-business*, *e-formação*, *e-professor*, *e-futebol*, *e-época*, *i-namoro*, *i-amigo*, *i-troço*;
- (21) *mãezinha*, *cidadezinha*, *cãezinhos*, *timidamente*, *felizmente*, *alegremente*;
- (22) *vice-prefeito*, *sub-chefe*, *pré-candidato*; *pós-cirúrgico*; *pró-reitor*.

Sem dúvida alguma, o estatuto dessas construções lexicais – e de seus constituintes, conseqüentemente – é menos óbvio e/ou polêmico, sobretudo nos elementos em (21) e (22), que, em português, vêm recebendo diferentes propostas de interpretação.

Os cinco primeiros grupos de formação se estruturam a partir do que se convencionou chamar de *formas combinatórias* (BAUER, 1998; LEHRER, 1998; WARREN, 1990). De acordo com Kastovsky (2009: 02), o rótulo *forma combinatória*, amplamente utilizado na literatura morfológica das últimas décadas do século passado, parece ter vindo do *Oxford English Dictionary*. Segundo o autor, “o termo foi adotado para nomear parte de empréstimos do grego e do latim ou formações do inglês que não se utilizam propriamente de palavras nem são identificáveis facilmente com afixos”.

Os exemplos em (15) constituem-se de elementos morfológicos advindos de palavras importadas diretamente do latim e do grego que aparecem em um número relativamente grande de neologismos

utilizados na terminologia técnica e científica, onde são abundantes. Tendo em vista o aumento na frequência de tais formações, chamadas de compostos neoclássicos é surpreendente que até agora esses elementos não tenham sido investigados de forma sistemática, como aponta Préié (2008: 2):

A teoria morfológica contemporânea ainda não elaborou uma maneira fundamentada e consistente de distinguir afixos de formas combinatórias em geral, e sufixos de formas combinatórias finais, mais particularmente. [...] Esse estado incerto teve implicações adversas não apenas para a teoria geral de formação de palavras [...], mas também para a metodologia e a prática lexicográficas, bem como para o ensino de línguas.

Ao contrário de (15), que apresentam um radical neoclássico que preserva o conteúdo original da língua doadora (latim ou grego), as formações em (16) envolvem especialização semântica do constituinte à esquerda, cujo significado de modo algum se relaciona ao etimológico. Por exemplo, “eco-renovação” faz referência à “renovação ecológica” e “homo-afetivo”, à “relação afetiva entre homossexuais” (OLIVEIRA & GONÇALVES, 2012). Para alguns autores, entre eles Cunha & Cintra (1985) e Monteiro (1987), as construções em (16) exemplificam o fenômeno da recomposição, pois o constituinte à esquerda, *numa relação de metonímia formal, adquire o significado do composto original e atualiza esse conteúdo especializado, já bastante diferenciado do etimológico, na combinação com palavras* (GONÇALVES, 2011b: 16) preexistentes na língua. As unidades do processo de recomposição são denominadas, predominantemente, de afixoides.

As construções em (17) se estruturam por meio de fragmentos de palavras combinados com palavras inteiras. Em sua totalidade, as partículas utilizadas provêm de fenômenos de fusão vocabular: casos de cruzamento ou de substituição sublexical (GONÇALVES & ALMEIDA, 2004; BASILIO, 2005; ANDRADE, 2008)⁶. Por exemplo, a sequência *-trocínio*, que não corresponde a nenhum constituinte mor-

6. Nos casos de cruzamento vocabular, duas formas de bases se fundem, como em ‘apartamento’ (“apartamento apertado”), ou são combinadas sem interposição, a exemplo de ‘brasiguaió’ (“brasileiro ou paraguaio que vive na fronteira entre esses dois países”). Na substituição sublexical, uma sequência fonológica é interpretada morfológicamente e substituída, como em ‘bebemorar’ (“comemorar à base da ingestão de bebidas alcoólicas”).

fológico em ‘patrocínio’, foi isolada a partir do cruzamento vocabular ‘paitrocínio’ (“patrocínio do pai”), que favoreceu a criação de palavras em série por meio da substituição, à esquerda, do agente financiador: ‘mãe-trocínio’, ‘avô-trocínio’, ‘tio-trocínio’, ‘auto-trocínio’ (GONÇALVES, ANDRADE & ALMEIDA, 2010).

Os dados em (18) também se valem de encurtamentos combinados com palavras inteiras. A diferença entre (17) e (18) reside apenas no fato de, em (18), os elementos recorrentes se originarem de um processo de encurtamento, que, nesse caso, envolve o mapeamento de um pé binário (unidade métrica constituída de duas sílabas) à esquerda da palavra-base, independentemente do estatuto morfológico da forma escaneada. Em todos os casos, formam-se dissílabos paroxítonos com sílaba final leve (formato (* .)), em que * representa forte e o ponto, fraco), o que explica o não aproveitamento da coda em *informática*: ‘info-peças’, ‘info-professor’, ‘info-comércio’. Temos, tanto em (17) quanto em (18), unidades chamadas de *splinters* (nesse caso, nativos, ou seja, vernaculares).

As formações em (19) se assemelham às de (17) e (18), mas, nesse caso, o encurtamento vem pronto da língua de origem (no caso, o inglês). Tal fato, no entanto, não impede que o formativo emprestado, aqui chamado de *splinter* não nativo ou xenoconstituente⁷ (GONÇALVES & ALMEIDA, 2012), combine-se com bases nativas, a exemplo de ‘cyber-avó’ (“avó moderna, antenada com os recursos tecnológicos”) e ‘wiki-aves’ (“enciclopédia eletrônica sobre aves”). Muitas vezes, a base etimológica comum deixa dúvidas sobre o estatuto não vernáculo de tais formativos, que acabam sendo vinculados a palavras também encontradas em português, como é o caso de *cibernética*. Como tal processo está comprometido com o grau de nativização do empréstimo, algumas dessas unidades morfológicas costumam admitir duas grafias, como é o caso de ‘cyber-café’ e ‘ciber-café’.

Já as formas em (20), chamadas de *e-termos* (CORREIA *et alii*, 2008), originaram-se da abreviação inglesa ‘e-mail’ (*eletronic mail*). Entende-se por *e-termo* “cada uma das unidades que apresenta na sua

7. Neste artigo, o termo *xenoconstituente* refere-se às formas encurtadas que representam quaisquer unidades lexicais importadas, principalmente, do inglês (GONÇALVES & ALMEIDA, 2011).

estrutura a partícula e com o significado de electronic/electrónico” (CORREIA *et alii*, 2008: 122). Outra partícula passível de ser inserida no grupo dos *e*-termos é *i-*, constituinte de ‘i-Pod’, aparelho áudio-digital, projetado e vendido pela *Apple Inc.* O nome ‘iPod’ foi cunhado a partir de “POD”, sigla de “Portable On Demand”, precedida da vogal *i-*, que se lê “ai” e significa “eu” em inglês, veiculando um sentido pessoal. Esse mesmo *i-* aparece em ‘i-Tunes’, ‘i-Phone’, ‘i-Mac’, ‘i-Tablet’, ‘i-Book’, ‘i-Pad’ e ‘i-Modess’ (capa para iPad), entre outras palavras do inglês amplamente utilizadas em português. Do mesmo modo que as formas em (19), os *e*-termos podem ser combinados com palavras da língua, a exemplo de ‘*e*-babá’ (referência às atividades da *internet* que entretêm crianças); ‘*e*-pipoca’ (um *site* sobre cinema); ‘*i*-namoro’ (*site* de namoro on-line), dentre outros.

O termo *forma combinatória* é usualmente adotado (LEHRER, 1998; DANKS, 2003, FANDRYCH, 2008) para descrever elementos de natureza variada: (1) radicais neoclássicos, com ou sem alteração no significado etimológico, como, nessa ordem, ‘*aero*-lula’ (“avião do ex-presidente Lula”) e ‘*geo*-ciências’ (“ciências da terra”); (2) porções fonológicas oriundas de encurtamentos (*clippings*), nativos ou não, como *choco-* (‘choco-mania’) e *cyber-* (‘cyber-ataque’), respectivamente; (3) itens morfológicos resultantes de mesclas lexicais, a exemplo de *-nejo* (‘pago-nejo’, ‘forró-nejo’, ‘sexta-neja’ << ‘sertanejo’), *-nese* (‘ovo-nese’, ‘macarro-nese’, ‘camaro-nese’ << ‘maionese’) e *-tone* (‘sorve-tone’, ‘choco-tone’, ‘bombo-tone’ << ‘panetone’); e (4) abreviações em que um dos constituintes utilizados se assemelha a uma sigla (os chamados *e*-termos).

De acordo com Kastovsky (2009: 12), o termo “*forma combinatória é algo como um arenque vermelho em lexicologia, porque cria mais problemas do que resolve, e deve ser descartado*”. Os seguintes argumentos podem ser utilizados em favor do abandono dessa classe tão heterogênea:

- (a) primeiramente porque parece uma descrição apropriada para a falta de limites precisos entre derivação e composição e para a manutenção de uma diferença discreta entre esses dois mecanismos de ampliação lexical;

- (b) em segundo lugar, não há critérios efetivos que diferenciem formas combinatórias de categorias como radical, afixo, afixoide e *splinters* (produtos de truncamento ou partes de cruzamentos vocabulares ou de substituições sublexicais que passam a formar uma série de novas palavras);
- (c) o terceiro, e o mais importante argumento, evoca os processos morfológicos, tradicionalmente considerados marginais, como o truncamento, o cruzamento vocabular e a substituição sublexical, que não são arbitrários, como preconiza a maior parte da literatura na área (LEHRER, 1998; CHUNG, 2009). Esses processos, que operam regularmente na formação de novas palavras, são fontes indiscutíveis de formativos ainda indefinidos categorialmente e, por isso mesmo, ao lado da composição e da derivação, devem delinear uma escala referente a categorias morfológicas cada vez menos independentes, indo de radicais a afixos.

Resta falar, ainda, dos elementos destacados em (21) e (22). Nesses casos, as abordagens nem sempre são consensuais, havendo, para o diminutivo, por exemplo, desde propostas que concebem os formativos como flexionais (PEREIRA, 1940) até enfoques que consideram compostas as construções de que participam (MORENO, 1997), já que os formativos envolvidos não recebem uma definição homogênea, por apresentarem características não-prototípicas de um sufixo, tais como, constituírem o elemento DT na estrutura da derivação e projetarem suas próprias palavras fonológicas, dando mostras de que uma descrição nos moldes de um *continuum* seria mais adequada para itens derivados em *-z(inho)*, visto que essas formações, mediante as propriedades de seus constituintes, afastam-se da derivação.

O formativo *-mente* também, por várias razões, não representa um sufixo prototípico, visto (a) ser sensível às regras de apagamento na coordenação; (b) projetar, sozinho, uma palavra fonológica, impedindo que a regra de neutralização das pretônicas se aplique; e (c) impor flexão de gênero à base a que se anexa, uma das características mais básicas da composição, apontada em Gonçalves (2011a). Desse modo, pressupondo-se uma escala gradual entre composição e derivação, as formações em *-mente* deslocam-se em direção à composição.

No caso da prefixação, há uma antiga polêmica se, de fato, constitui derivação. Câmara Jr. (1976), por exemplo, apresenta uma série de argumentos em favor da inclusão desse processo no âmbito da composição. A gênese dessa imprecisão, a nosso ver, reside na instabilidade categorial dos formativos envolvidos nos processos de formação de palavras, o que, mais uma vez, vem atestar que uma classificação com base na ideia de um *continuum* seria mais condizente à heterogeneidade das operações morfológicas em português.

Para sustentar o *continuum* de formativos aqui proposto, abordamos, ainda que sucintamente, as construções morfológicas que se assemelham entre si por se estruturarem a partir de fragmentos de palavras, nativos ou não, ou de afixos com propriedades de radicais, em especial o processo de recomposição, que opera com elementos neoclássicos ressemantizados (afixoides), bem como a formação por *splinters* e por xenoconstituintes, incluindo os *e*-termos. Começamos, então, com a recomposição.

3. Recomposição

Monteiro (1987: 191) considera a recomposição um tipo específico de composição; alerta, no entanto, para uma característica fundamental dessa operação morfológica: “*trata-se de um mecanismo formador de novas palavras em que apenas uma parte do composto passa a valer pelo todo e depois se liga a outra base, produzindo uma nova composição*”. Comparem-se as formas listadas em (23), todas com o formativo *auto-* na primeira posição:

(23) auto-didata	auto-peças
auto-estima	auto-escola
auto-imagem	auto-esporte
auto-atendimento	auto-estrada
auto-ajuda	auto-rádio
auto-avaliação	auto-seguro
auto-exame	auto-shopping

Na primeira coluna de (23), o formativo *auto-*, oriundo do substantivo grego *autós*, atualiza os significados “(de, pelo) próprio” e

“(de, por) si mesmo” (CUNHA & CINTRA, 1985: 113). A forma ‘auto-móvel’, apesar de mais opaca, enquadra-se nesse grupo, pois foi criada para designar um veículo que se movimenta com motor próprio, em oposição aos carros antigos, todos com tração animal. Na segunda coluna, aparecem formas recompostas, já que *auto-* perde o significado etimológico e passa a ser usado em referência a alguma característica relevada no domínio “carro” (BELCHOR, 2011: 161). Desse modo, ‘auto-escola’ é uma “escola para condutores (de automóveis)” e ‘auto-rádio’, “um rádio para carros”.

Monteiro (1987) também faz referência ao formativo *tele-*, que, assim como *auto-*, impulsiona o processo de recomposição. Segundo ele, ‘tele-fone’, ‘tele-visão’ e ‘tele-guiar’ não são itens recompostos, uma vez que cada componente vale por si, mas em ‘telenovela’, “*tele – significa ‘televisão’, o que já é bastante diferente*” (MONTEIRO, 1987: 192). O autor conclui que *auto-* (‘automóvel’), *tele-* (‘televisão’) e *foto-* (‘fotografia’) são os elementos morfológicos que configuram de fato a recomposição em português, pois carregam o significado de todo o composto do qual faziam parte.

De acordo com Gonçalves (2011b), as formações recompostas caracterizam o que pode ser denominado de compactação (zipagem), termo que corresponde, em inglês, a *secretion* (JERPERSEN, 1925; WARREN, 1990)⁸: um arqueoconstituente, aqui entendido como um radical neoclássico, adquire, numa relação de metonímia formal, o significado do composto de que era constituinte e atualiza esse conteúdo especializado na combinação com novas palavras. É o que acontece, por exemplo, como *foto-*, de ‘foto-grafia’, em formações como ‘foto-montagem’ e ‘foto-novela’. Nessas construções, *foto-* é utilizada em referência a ‘fotografia’, não atualizando a acepção primeira de “luz”, “radiação magnética”. Casos mais recentes de recomposições no português contemporâneo envolvem os formativos *eco-*, de ‘ecologia/ecológico’, *homo-*, de ‘homossexual’, e *aero-*, de ‘aeronave’, como se vê nos dados a seguir, em que o elemento à esquerda veicula os significados “ecologia/ecológico”, “gay” e “avião”, respectivamente:

8. Em inglês, o termo *secretion* remete ao ato ou ao processo de separação, elaboração e envio de substância que preencha adequadamente alguma função, motivo pelo qual traduzimos *secretion* por compactação.

(24) eco-turismo	homo-fóbico	aero-lula
eco-casa	homo-agressor	aero-porto
eco-via	homo-estimulante	aero-modelismo
eco-atitude	homo-violência	aero-moça

Outros elementos neoclássicos que estão passando pelo processo de recomposição no português contemporâneo são, entre outros, *petro-* ('petro-química', 'petro-polo', 'petro-dólar'), *agro-* ('agro-negócio', 'agro-indústria') e *bio-* ('bio-combustível', 'bio-degradável'), e vêm adquirindo, na maior parte das novas formações em que aparecem, o conteúdo semântico de "petróleo", "agricultura" e "biológico", nessa ordem.

Cano (1998) observa que termos técnico-científicos podem migrar da linguagem de especialidade para a língua geral, principalmente através dos meios de comunicação em massa, o que pode resultar em mudança ou extensão de sentido, ocorrendo o que denomina de "vulgarização lexical". Para a autora, quando o termo passa para a língua geral, pode adquirir vários outros significados que se juntam ao significado original ou o substituem. Segundo ela, foi exatamente isso que ocorreu com elementos eruditos como *auto-*, *eletro-* e *tele-*, entre tantos outros. Com base na análise do formativo *tele-*, Cano (*op. cit.*: 10) observa que esse elemento passa a funcionar como pseudoprefixo⁹ já que "*não exerce a função de preposição nem de advérbio próprias do prefixo e também não se enquadra entre os radicais em razão da deriva semântica e da alta produtividade*".

A autora (1998: 10) destaca que "*uma das dificuldades de adotar o conceito de 'pseudoprefixos' consiste em decidir onde integrar unidades como 'teledependência': se na derivação ou na composição*". Acrescenta, por fim, que tais elementos ficam à margem de qualquer classificação.

9. Afixoides (MARCHAND, 1969); semiafixos (SCHMIDT, 1987); pseudoafixos (KATAMBA, 1990); formas combinatórias iniciais / finais (BAUER, 1988); arqueoconstituintes (CORBIN, 2001) e afixos (BAUER, 1979) são algumas das denominações utilizadas em referência aos elementos morfológicos envolvidos na recomposição. Optamos pelo primeiro termo, afixoide, por ser de uso mais generalizado na literatura.

Em suma, a recomposição é um processo morfológico que faz uso de afixoides – elementos neoclássicos caracterizados pela compactação do significado de um composto do qual faziam parte. No nosso entendimento, afixoides compartilham propriedades de afixos e radicais, justificando a proposta de *continuum* aqui defendida. Por exemplo, em relação ao critério *posição*, afixoides de fato se assemelham a afixos, aparecendo num lugar pré-determinado na estrutura da palavra, mais especificamente na borda esquerda, categorizando-se como prefixoides. Até onde se conhece, elementos neoclássicos de segunda posição não se caracterizam, em português, pela zipagem de uma forma composta, pois preservam, em maior ou menor proporção, o significado etimológico, a exemplo de *-metro*, *-dromo*, *-logo*, *-latra* e *-grafo*, amplamente analisados em Gonçalves (2011b).

Em relação ao parâmetro *fixidez*, a classe dos afixoides não se mostra homogênea, pois alguns são formas presas e, por isso mesmo, não funcionam, isoladamente, como palavras, nem mesmo a partir do processo de *clipping*. Em (25a), a seguir, listam-se os afixoides que aparecem apenas no interior de palavras morfológicamente complexas; em (25b), relacionam-se os formativos em questão que, em função do truncamento, têm estatuto nominal, podendo ser utilizados sozinhos como comunicação suficiente, nos termos de Bloomfield (1933). Observe-se que o volume de formas presas – que, nesse aspecto, portanto, comportam-se como afixos – é bem maior que o de formas potencialmente livres, que mais se assemelham a radicais:

- (25) a. *eco-* (<< ecologia, ecológico), *auto-* (<< automóvel), *tele-* (<< telefone, televisão),
bio- (<< biologia), *agro-* (<< agrícola), *aero-* (<< aeronave), *petro-* (<< petróleo),
tecno- (<< tecnologia, tecnológico).
b. *foto-* (<< fotografia), *homo-* (<< homossexual), *moto-* (<< motocicleta).

Formas morfológicamente relacionadas por recomposição são extremamente aplicáveis em português, o que, mais uma vez, as faz parecer afixos¹⁰. Se assumirmos que a produção em série caracteriza

10. Ferreira (2011) chegou a recolher o surpreendente montante de quase 450 construções *tele-X*. Embora o número de formas com *auto-* e *moto-* seja menor, também chama atenção a quantidade de recompostos com essas formas que Belchor (2011) conseguiu reunir: cerca de 100 exemplares. Em Oliveira & Gonçalves (2011), foram analisadas cerca de 100 formações em *eco-* e 80 em *homo-*. Como se vê, os poucos trabalhos sobre o fenômeno mostram a alta aplicabilidade das formas examinadas.

a derivação, mas não necessariamente a composição (ten HACKEN, 1994; PRÉIÉ, 2008; KASTOVSKY, 2009), certamente deslocaremos os afixoides do lado direito do *continuum* – o dos radicais mais prototípicos. No entanto, os constituintes de um recomposto claramente se realizam em palavras prosódicas diferentes, a exemplo de {[tecn] _{PrWd} [macumba] _{PrWd}} _{MWd}, termo utilizado em referência ao gênero musical em que contos de umbanda ganham versão eletrônica. Além disso, a paridade entre forma truncada e forma plena indicia o processo de composição (GONÇALVES, 2011a), já que *petro-* e *homo-*, por exemplo, evocam ‘petróleo’ e ‘homossexual’, nessa ordem. Por fim, afixoides são sensíveis à regra de redução de coordenação para frente (FCR) (KENESEI, 2007). Como se vê nos dados abaixo, quando duas formas são postas em paralelo, a cabeça lexical da primeira pode não se realizar:

(26) auto- e aero-modelismo	tele- e auto-atendimento
agro- e eco-negociação	auto- e moto-montagem
homo- e heterossexual	auto- e moto-escola

Podemos afirmar, com base nessa descrição geral, que afixoides realmente ostentam propriedades de radical e afixo, não se nivelando, no entanto, com nenhuma dessas categorias, já que apresentam características próprias, que legitimam o reconhecimento de uma classe distinta de formativos. Passemos, na sequência, à análise das formações com *splinters*, outro tipo de formativo encontrado na fronteira afixo-radical.

4. Formação por *splinters*

De acordo com Lehrer (1998), Bauer (2004) e Chung (2009), entre outros autores, as línguas naturais vêm formando novas unidades lexicais a partir de *splinters*. Em linhas gerais, *splinters* são partes não-morfêmicas resultantes de processos não-concatenativos de formação de palavras, como o truncamento e o cruzamento vocabular, utilizadas com alguma recorrência na criação de novas formas linguísticas. Bauer (2004: 77) assim define esse tipo de partícula:

Splinter é uma parte de uma palavra que, devido a algumas reanálises da estrutura da palavra original, é interpretada como significativa e posteriormente utilizada na criação de novas palavras. Como exemplo familiar, considere a palavra ‘alcoholic’. Em termos morfológicos, esse vocábulo é dividido em ‘alcohol’ e -ic. Mas essa palavra foi reanalisada como alc-oholic, e o novo splinter -oholic (variavelmente soletrado), em seguida, re-ocorre em palavras como chocoholic, spendaholic e shopoholic.

Nessa perspectiva, *splinters* se assemelham a radicais, mas também ostentam propriedades de afixos, como o fato de serem formas presas, a realização das formas complexas sob um único acento e a fixação desses elementos numa borda específica da palavra. Como se vê em (27), são mais comuns em português *splinters* finais:

- (27) *splinters* iniciais: *caipi-* (<< caipirinha), *fran-* (<< frango), *choco-* (<< chocolate), *euro-* (<< Europa, europeu), *info-* (<< informática; informação)
splinters finais: *-nese* (<< maionese), *-trocinio* (<< patrocínio), *-drasta* (madrasta), *-lé* (<< picolé), *-tone* (<< panetone), *-ranha* (<< piranha), *-neja* (<< (música) sertaneja), *-lândia* (<< Disneylândia), *-asta* (<< cineasta)

Bauer (2005: 245) assim se posiciona em relação aos *splinters*: “*uma vez que splinters podem se transformar em afixos ou palavras, parece que temos uma situação em que não está claro se as novas formas serão derivadas ou compostas*”. De fato, as formações com *splinters* não podem ser consideradas composições prototípicas, dadas as características acima mencionadas. No entanto, a vinculação a palavras, por evocação às formas de onde partiram, nas fusões vocabulares (‘sogradrasta’ << “madrasta do cônjuge”) ou nos truncamentos (‘infopeças’ << “peças de informática”), a baixa aplicabilidade e, sobretudo, a capacidade de esses fragmentos se co-anexarem afastam a possibilidade de analisá-los como afixos, como se vê nos exemplos abaixo:

- (28) *caipi-lé* (“picolé de caipirinha”)
choco-tone (“panetone de chocolate”)
choco-lândia (“lugar de venda de chocolates”)
euro-trocínio (“patrocínio dos países europeus”)

Tem-se, com os *splinters*, mais uma evidência de que a distinção afixo-radical não é discreta. Antes de passarmos à próxima categoria

selecionada para análise, os chamados xenoconstituintes, cabe enfatizar a diferença entre *splinters* e afixoides, de modo a argumentar, seguindo Kastovsky (2009), em favor do abandono do termo genérico *forma combinatória*, amplamente utilizado em referência a esses dois tipos de constituintes: afixoides são elementos morfológicos que experimentam novos usos, diferindo, portanto, de *splinters*, cujo estatuto de morfema sem dúvida alguma é mais questionável, já que são porções não-significativas reinterpretadas como entidades morfológicas em função da recorrência. Além disso, como mostra Gonçalves (2011a), formas morfológicamente relacionadas por recomposição são bem mais numerosas na língua que palavras envolvendo *splinters*.

5. Formação por xenoconstituintes

O termo xenoconstituente, cunhado por Gonçalves & Almeida (2011), rotula partes de palavras que não correspondem a radicais neo-clássicos, como *homo-* e *eco-*, nem a partes de palavras combinadas entre si ('chocotone') ou com outras palavras ('tiadrasta'; 'mãetrocínio'). Para os autores xenoconstituente é um fractoconstituente (*splinter*) sem correspondente com arqueconstituente ou *splinter* vernáculos. Tomemos como exemplo a palavra inglesa '*pit-bull*', que designa uma espécie canina. Como essa raça protagonizou vários ataques a pessoas ou a outros cães, associou-se, por metonímia, a "agressividade, violência, ferocidade". De acordo com Gonçalves & Almeida (2011: 112), "*essa fonte, com seu contexto, serviu de modelo para a construção de palavras que começaram a circular na língua, como 'pit-boy' (rapaz normalmente fortinho, que gera briga em boates)*".

Em relação a *pit-* e a outros elementos emprestados do inglês nas últimas décadas, um fato interessante é a combinação com itens nativos, na formação de inúmeras palavras novas em português. No caso de *pit-*, o elemento passou a designar, nas construções morfológicas em que se fixou à esquerda (em conformidade com o modelo, '*pit-bull*'), "agressivo, violento, feroz", como se vê nos exemplos a seguir:

- | | | |
|------|-----------|--------------|
| (29) | pit-babá | pit-pai |
| | pit-bicha | pit-bebê |
| | pit-sogra | pit-namorado |

Nesses mesmos moldes, um formativo do inglês bem difundido em português é *-gate*, cujo comportamento assemelha-se ao de *-burger*, ou seja, uma reinterpretação do segundo constituinte de um provável composto, convertido em semi-palavra ou *splinter* final. Assim como *burger* se tornou um item lexical, o mesmo pode estar acontecendo com *gate*, no sentido de “escândalo político”, como atestam os exemplos a seguir, extraídos de Gonçalves (2011a):

(30)

- *Banheiro gate*: escândalo vergonhoso para os aldeenses. A presidência da Câmara Municipal resolveu quebrar a parede de vários gabinetes para juntá-los, diminuindo o número de 15 para 10 unidades, dotar esses gabinetes de um banheiro privativo com chuveiro para os vereadores.
- Foram vários, mas o caso mais vergonhoso foi o *Piquet-gate*. A fórmula 1 infelizmente é marcada por corrupção.
- O escândalo, apelidado de “*Panetone Gate*”, caiu na graça de blogueiros, redes sociais e sites de protestos. Também pudera: maconha em panetone...
- A Justiça os considera envolvidos no “escândalo da maleta”, também ironicamente chamado de *Maleta-gate*.

Os *e*-termos, como ‘*e-professor*’ (“professor virtual”) e ‘*e-pipoca*’ (“cinema pela *internet*”), são também xenoconstituintes empregados nas estruturas morfológicas do português. As formas com *e*- por vários motivos se aproximam dos prefixos: (a) atuam como formas presas, (b) antepõem-se às bases a que se adjungem, sem alterar a classe gramatical do produto e (c) são elementos secundários, subordinados ao núcleo na estrutura DT-DM (determinante – determinado).

Assim, do ponto de vista formal, o xenoconstituinte *e*- associa-se ao padrão de prefixação em português, pois é categorialmente neutro, formando palavras complexas cuja classe gramatical é idêntica à da forma à direita, a cabeça lexical. Entretanto, manifesta um conteúdo menos gramatical e caracteriza-se por menor grau de previsibilidade semântica, já que podem ser focalizados diferentes aspectos da informação veiculada em meio eletrônico (GONÇALVES & ALMEIDA, 2011: 121). Essas diferenças e semelhanças justificam a presença desses formativos em um *continuum* afixo-radical.

6. Proposta de um *continuum* de formativos

Como se vê, os processos de formação de palavras não se valem tão-somente de afixos e radicais (sejam estes neoclássicos, presos ou livres), mas também de outros elementos morfológicos (*splinters*, xenoconstituintes e afixoides), os quais devem ser incluídos no *continuum* proposto em (10), redimensionado em (21), a seguir, uma vez que (a) possuem comportamento específico e não podem ser categorizados, sem ressalvas, nem como afixos nem como radicais e (b) portam conteúdo que varia em densidade semântica.

Cabe ressaltar, lembrando Bauer (2005), que elementos que já foram afixos podem assumir, ainda que raramente, estatuto de palavra. Em contrapartida, partes de palavras, desprovidas de estatuto morfológico, podem ser promovidas, com relativa frequência, a afixos (CHUNG, 2009; FANDRICH, 2008). Portanto, a mudança morfológica consitui evidência empírica em favor de um *continuum* de formativos, ilustrado na Figura 2, em que as fronteiras são mais permeáveis, comprovando, assim, a escala gradual subsistente entre os processos de formação de palavras por composição e derivação.

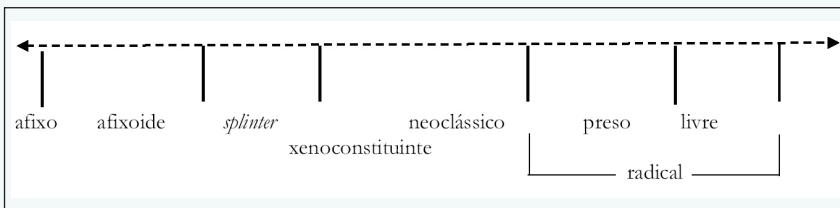


Figura 2 – O continuum *afixo-radical* ampliado

Palavras finais

Neste artigo, abordamos a difusa categorização de novos constituintes morfológicos, que, em nossa opinião, desafiam, sobremaneira, a interpretação tradicional do fenômeno da criação lexical. Contra algumas propostas anteriores, que inserem os *splinters* e os afixoides em um grupo genérico denominado de *formas combinatórias*, propomos, seguindo Kastovsky (2009), uma separação desses elementos, tendo em vista que, além de diferentes em vários aspectos, exibem mais/menos características de radicais ou afixos, localizando-se em

diferentes pontos do *continuum* proposto na Figura 2. Tais formativos não são, portanto, marginais, embora apresentem diferentes graus de aplicabilidade, sendo afixoides e xenoconstituintes bem mais produtivos que *splinters*.

Ao refutar o rótulo genérico *forma combinatória* para *splinters*, afixoides e xenoconstituintes, atingimos uma melhor compreensão sobre esses elementos morfológicos, que, como demonstramos, têm características próprias e diferenças consideráveis em relação aos vários critérios empíricos utilizados para distinguir afixos de radicais. Em nossa proposta, esses neoconstituintes apresentam características semânticas e formais peculiares, refletindo, conseqüentemente, o processo pelo qual novas palavras são formadas.

Sem dúvida alguma, uma classificação nos moldes aristotélicos, feita com base no *tudo-ou-nada*, não consegue acolher uma gama variada de formativos envolvidos na criação de palavras em português, uma vez que pressupõe que as categorias (a) são definidas por um conjunto de propriedades necessárias e suficientes, (b) têm fronteiras claramente definíveis e (c) são constituídas por membros com idêntico estatuto.

Por outro lado, uma abordagem por protótipos, como a aqui defendida, assume que (a) as categorias não têm fronteiras claramente demarcadas e, por isso mesmo, podem mudar com o decorrer do tempo e (b) nem todos os representantes da classe têm idêntico estatuto: alguns são mais centrais e outros, mais periféricos. Portanto, a categorização com base em protótipos e por meio de *continuum* se mostra mais condizente com a heterogeneidade tipológica do sistema de formação de palavras do português, uma vez que as fronteiras entre os vários tipos de formativos não são tão nítidas e alguns elementos se encaixam numa categoria com mais precisão que outros.

Algumas questões se destacam como tópicos para pesquisas futuras quando se tem em mente delinear uma descrição detalhada das construções que se valem desses formativos e apontar as semelhanças e diferenças em relação à composição e à derivação, que estão mais amplamente documentadas. Não fornecemos um estudo de caso relativo a essas operações morfológicas, de alta produtividade e relevância para a formação de palavras, entendendo que se realizam a partir de

radicais livres e afixos, noções exaustivamente veiculadas na literatura, mesmo que discutíveis.

Recebido em janeiro de 2013

Aprovado em janeiro de 2015

E-mails: carlexandre@bol.com.br

kemmericka@hotmail.com

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Katia Emmerick. 2008. *Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/AndradeKE.pdf?ref=Guzels.TV>
- ANTUNES, Mafalda; CORREIA, Susana y GONÇALVES, Rita. 2008. *E-terms: descrição e hipótese de classificação*. In: MENDES, Amália y FREITAS, Tiago (orgs.). *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)*. Lisboa: APL & Colibri. p. 121-130.
- BAKER, Marker. 2000. On Derivational Asymmetries in Derivational Morphology. In: BENDJABALLAH, Sabrina; DRESSLER, Wolfgang U.; PFEIFFER, Oskar E. & VOEIKOVA, Maria D. (eds.). *Morphology 2000: Selected Papers from the 9th Vienna Morphology Meeting*. Amsterdam: John Benjamins. p. 21-104.
- BASILIO, Margarida. 1987. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática.
- _____. 2005. A Fusão Vocabular como Processo de Formação de Palavras. *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*.
- BAUER, Laurie. 1979. Against Word-Based Morphology. *Linguistic Inquiry*, 10/3: 508-509.
- _____. 1988. *Introducing Linguistic Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- _____. 1998. Is there a class of neoclassical compounds, and if so, is it productive? *Linguistics*, 36/3: 403-422.
- _____. 2004. *A Glossary of Morphology*. Washington DC: Georgetown University Press.
- _____. 2005. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, U. Wolfgang; KASTOVSKY, Dieter; PFEIFFER, E. Oskar & RAINER, Franz (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. p. 97-108.

- BELCHOR, Ana Paula Victorio. 2011. O processo de Recomposição no Português do Brasil a partir de *auto e moto*, *Cadernos do NEMP*, 2: 153-169. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.nemp.com.br/images/pdf/cadernos-vol2--ana%20paula1.pdf>
- BLOOMFIELD, Leonard. 1933. *Language*. New York: Holt.
- BOOL, Geert. 2002. *The Morphology of Dutch*. Oxford: Oxford University Press.
- BYBEE, Joan. 1985. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CANO, Waldenice Moreira. 1988. O formativo *tele-* e suas variantes no português atual do Brasil. *Alfa*, 42: 9-22.
- CHUNG, Karen Steffen. 2009. Putting Blends in their Place. Comunicação apresentada na *Conferência sobre os universais e tipologias na formação de palavras*. Košice, Slovakia, 18-19 agosto 2009. Disponível em: <http://ntur.lib.ntu.edu.tw/bitstream/246246/190396/1/KpaperKSC3.pdf>
- CORBIN, Danielle y PAUL, Jérôme. 2000. Aperçus sur la créativité morphologique dans la terminologie de la chimie. *La banque des mots*, 60: 51-68.
- CRYSTAL, David. 1988. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CUNHA, Celso y CINTRA, Lindley. 1985. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DANKS, Debbie. 2003. *Separating Blends: a formal investigation of the blending process in English and its relationship to associated word formation processes*. PhD Thesis. University of Liverpool. Liverpool. Disponível em: http://rdues.bcu.ac.uk/publ/Debbie_Danks_Thesis-Appendices.pdf
- FANDRYCH, Ingrid. 2008. Submorphemic Elements in the Formation of Acronyms, Blends and Clippings. *Lexis – E-Journal in English Lexicology 2: Submorphemics*.
- FERREIRA, Rosângela Gomes. Da *telepatia* ao *telejornal*: um estudo morfossemântico da recomposição a partir de *tele*. *Cadernos do NEMP*, 2: 133-151. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.nemp.com.br/images/pdf/cadernos-vol2--rosangela1.pdf>
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. 2005. *Flexão e Derivação em Português*, 1a. ed. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.
- _____. 2011a. Composição e Derivação: Polos Prototípicos de um *Continuum*? Pequeno estudo de casos. *Dominios da Linguagem*, 2: 62-89.

- _____. 2011b. Compostos Neoclássicos: Estrutura e Formação, *REVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, 14: 06-39.
- _____. & ALMEIDA, Maria Lucia Leitão. 2004. Cruzamento vocabular no português brasileiro: aspectos morfo-fonológicos e semântico-cognitivos. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Vol. 8, 1/2: 151-170.
- _____. & ALMEIDA, Maria Lucia Leitão. 2011. Por uma Ciber morfologia: Abordagem Morfossemântica dos Xenconstituintes em Português. In: MOLLICA, Maria Cecília & GONZALEZ, Marcos (orgs.). *Linguística e Ciência da Informação: Diálogos Possíveis*. Curitiba: Appris. p. 105-127.
- _____.; ANDRADE, Katia Emmerick & ALMEIDA, Maria Lucia Leitão. 2010. Se a macumba é para o bem, então é boacumba: análise morfoprosódica e semântico-cognitiva da substituição sublexical em português. *Linguística* (Rio de Janeiro), 6: 64-82.
- IORGU, Iordan e MANOLIU, Maria. 1980. *Manual de lingüística românica*. Madrid: Gredos.
- JESPERSEN, Otto. 1925. *Die Sprache, Ihre Natur, Entwicklung und Entstehung*. Heidelberg, Carl Winters, Universitaetsbuchhandlung.
- KASTOVSKY, Dieter. 2009. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms classical compounds and affixoids. In: McCONCHIE R. W.; ALPO, Honkaphoja & TYRKKÖ, Jukka. (eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA, Cascadilla Proceedings Project. p. 1-13.
- KATAMBA, Francis. 1990. *Morphology*. New York: Maxmillian.
- KENESEI, István. 2007. *Semiwords and affixoids: the territory between word and affix*. Budapest: Research Institute for Linguistics.
- LEHRER, Adrienne. 1998. Scapes, holics and thons: the semantics of combining forms. *American Speech*, 73 (1): 3-28.
- MARCHAND, Hans. 1969. *The Categories and Types of Present-day English Wordformation*. München, Beck.
- MONTEIRO, José Lemos. 1987. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza: Editora da UFC.
- OLIVEIRA, Patricia Affonso y GONÇALVES, Carlos Alexandre. 2011. O Processo de recomposição e os formativos *eco-* e *homo-* no Português brasileiro: compressão semântica e análise estrutural. *Cadernos do NEMP*, 2: 171-184. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.nemp.com.br/images/pdf/cadernos-vol2-patricia%20e%20carlos2.pdf>
- PRÉIÉ, Tvrtko. 2008. Suffixes vs. final combining forms in English: a lexicographic perspective. *International Journal of Lexicography*, 21.

- RALLI, Angela. 2007. Compounds in Modern Greek. *Rivista di Linguistica*, 4 (1): 143-174.
- _____. 2008. Compound Markers and Parametric Variation. *Language Typology and Universals* (STUF). p. 19-38.
- SANDMANN, Antônio José. 1989. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto.
- SCHMIDT, Günter Dietrich. 1987. Das Affixoid. Zur Notwendigkeit und Brauchbarkeit eines beliebten Zwischenbegriffs in der Wortbildung. In: HOPPE, Gabriele; KIRKNESS, Allan y Elisabeth LINK (eds.). *Deutsche Lehnwortbildung, Beiträge zur Erforschung der Wortbildung mit entlehntenWB-Einheiten im Deutschen*. p. 53-101.
- SCHWINDT, Luiz Carlos. 2000. *O prefixo no português brasileiro: análise Morfofonológica*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Porto Alegre: Inédita.
- SPENCER, Andrew. 1991. *Morphological Theory*. Oxford: Blackwell.
- TEN HACKEN, Pius. 1994. Derivation and Compounding. In: BOOIJ, Geert; LEHMANN, Christian & MUGDAN, Joachim (eds.). *Morphology. An International Handbook on Inflection and Word Formation*, Vol. 1, Berlin: De Gruyter. p. 349-360.
- WARREN, Beatrice. 1990. The Importance of Combining Forms. In: DRESSLER, Wolfgang U.; LUSCHÜTZKY, Hans C.; PFEIFFER, Oskar E. & RENNISON, John R. (eds.). *Contemporary Morphology*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter. p. 111-132.